

DÍSPUTAS NA REPRESENTAÇÃO DE UM “BAIRRO ARISTOCRÁTICO”

Pedro Beresin Schleder Ferreira
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo
pedro.beresin@live.co

RESUMO

Desde o lançamento do Boulevard Buchard (1894) até a década de 1930, o bairro de Higienópolis, foi largamente representado em São Paulo como um “bairro aristocrático”. Apesar da heterogeneidade e complexidade social e material presentes em seu cotidiano, como temos aferido através de nossas recentes pesquisas, o bairro foi comumente representado como um ambiente homogêneo, pleno, povoado exclusivamente pelas elites e materializado em fina sintonia com suas preferências culturais “europeias”, “modernas” e *chics*. Silenciando a presença marcante do cotidiano das classes baixas e da materialidade de suas casas singelas, imaginariamente restritos apenas aos “bairros operários”, Higienópolis foi representado como um bairro povoado exclusivamente pelos palacetes, vias arborizadas, formosos jardins, automóveis, roupas da moda, elegantes *madames* e *mademoiselles*, os senhores, coronéis, doutores.

Essa representação do bairro foi celebrada e difundida à época pelas elites econômicas e políticas, visando através a conquista de interesses econômicos e políticos através do poder simbólico. Parte da historiografia produzida sobre São Paulo, até o momento, privilegiou essa representação “aristocrática” do bairro, assim como muitas vezes identificou essa imaginação com seus elementos sociais e concretos. Porém, a empolgação com a “modernização” e com o “progresso” do qual Higienópolis era um dos pujantes símbolos tratava-se de uma percepção restrita aos grupos sociais que eram favorecidos por esse processo ou que nele vinham perspectivas de sucesso. O frenesi certamente não contagiou a todos, tampouco o seu destemido otimismo. Na presente comunicação trataremos dessas outras miradas para Higienópolis, procurando compreender através de obras literárias e textos jornalísticos de que forma sua representação “aristocrática” foi apropriada, desenvolvida e difundida pelos grupos críticos à “modernidade” paulistana.

PALAVRAS-CHAVE: História de São Paulo; representações sociais; bairro de elite

DISPUTES IN THE REPRESENTATION OF AN "ARISTOCRATIC NEIGHBORHOOD "

ABSTRACT

Since 1894 to the 1930s, the Higienópolis neighborhood was largely represented in São Paulo as an "aristocratic neighborhood." Despite the heterogeneity and social complexity and materials present in their daily lives, as we have gauged through our recent research, the neighborhood was commonly represented as a homogeneous environment, populated exclusively by elites and materialized in fine tune with their cultural preferences: "European ", " modern "and "chics". Silencing the remarkable everyday presence of the lower classes and the materiality of its simple houses, imaginatively restricted only to "workers' quarters", Higienópolis was represented as a neighborhood populated exclusively by mansions, tree-lined avenues, beautiful gardens, cars, fashionable clothes, stylish madams and mademoiselles, masters, colonels, doctors.

This representation of the neighborhood was celebrated and disseminated at the time by economic and political elites, wich aimed the achievement of economic and political interests through the symbolic power. Part of historiography produced about São Paulo, to date, favored this representation "aristocratic" of the neighborhood, and often identified this imagination with its social and concrete elements. But the excitement about the "modernization" and "progress" which Higienópolis was one of the mighty symbols it was a restricted perception of social groups that were favored by this process or that it had been successful prospects. The frenzy certainly not gripped everyone, nor his fearless optimism. In this communication we will deal with these other targeted for Higienópolis, seeking to understand through literary and journalistic texts the forms in wich its representation "aristocratic" was appropriated, developed and disseminated by groups critical of "modernity" São Paulo.

KEY-WORDS: History of São Paulo; social representations; elite neighborhoods

INTRODUÇÃO

Desde o lançamento do Boulevard Burchard¹ (1894) até a década de 1930², o bairro de Higienópolis, foi largamente representado em São Paulo como um “bairro aristocrático”. A despeito da heterogeneidade e complexidade social e material presentes em seu cotidiano, como tem-se aferido através de recentes pesquisas³, o bairro foi comumente representado como um ambiente homogêneo, pleno, povoado exclusivamente pelas elites e materializado em fina sintonia com suas preferências culturais “europeias”, “modernas” e *chics*. Silenciando a presença marcante do cotidiano das classes baixas e da materialidade de suas casas singelas, imaginariamente restritos apenas aos “bairros operários”, Higienópolis foi representado como um bairro povoado exclusivamente pelos palacetes, vias arborizadas, formosos jardins, automóveis, roupas da moda, elegantes *madames* e *mademoiselles*, os senhores, coronéis, doutores.

Interessadas em demarcar o seu poder na cidade, as elites econômicas habitantes do bairro promoveram essa representação através de suas obras e veículos de comunicação. Simultaneamente, esse foi aprimorado e propagado também pelas elites políticas vinculadas ao município e ao Estado, visando a formação de uma identidade visual para a cidade⁴, fundamental para comprovar o seu “progresso” e a sua consolidação como a “metrópole do café”, a “locomotiva da nação”⁵ (KOSSOY, 2011). O “bairro aristocrático”, além de representar o sucesso e o poder de seus habitantes, foi produzido como símbolo comprobatório do sucesso de São Paulo em sua adesão aos valores culturais e econômicos da “civilização”, que permitiam a inserção simbólica, econômica e política do país na “sinfonia das nações modernas”.

Lado a lado com a tecnologia das ferrovias, a produção incessante das fábricas, e com a vida fervilhante do Centro, o “bairro aristocrático” completava o quadro da “modernidade” paulistana com sua sofisticada materialidade e bucolismo. O ar idílico propiciado pelos jardins privados e pela arborização das vias representava o complemento de repouso familiar e conforto psicológico à agitação e efervescência do Centro e das fábricas. Também representava um espaço higiênico, qualidade de extrema relevância para a “modernização” das cidades ocidentais à época. Os palacetes eram concebidos como “residências-monumentos”, representando simultaneamente a prosperidade de seus proprietários, assim como a pujança do mercado em São Paulo, que propiciou o enriquecimento cultural e material desses indivíduos. Sua composição arquitetônica, para além de expressar o poder e caráter de seus moradores denotavam o domínio da *haute culture* pelas elites.

Parte da historiografia produzida sobre São Paulo, até o momento, privilegiou essa representação “aristocrática” do bairro, assim como muitas vezes identificou essa imaginação com seus elementos sociais e concretos⁶. Porém, a empolgação com a “modernização” e com o “progresso” do qual Higienópolis era um dos pujantes símbolos tratava-se de uma percepção restrita aos grupos sociais que eram favorecidos por esse processo ou que nele vinham perspectivas de sucesso. O frenesi certamente não contagiou a todos, tampouco o seu destemido otimismo. De fato, diversos grupos sociais possuíam uma perspectiva crítica à “modernização” no que concerniam às mais variadas esferas de atuação desse processo: desde a transformação dos costumes cotidianos, perpassando por amplos debates morais, até os macroprocessos de exclusão social dos quais o “progresso” era decorrência.

Na presente comunicação trataremos dessas outras miradas para Higienópolis, procurando compreender de que forma sua representação “aristocrática” foi apropriada, desenvolvida e difundida pelos grupos críticos à “modernidade”

¹ Trata-se do nome atribuído por Martin Burchard e por Victor Nothmann ao seu loteamento, que posteriormente passou a ser chamado, conjuntamente com outras áreas lindeiras, de Higienópolis.

² Momento em que diversos fatores internos e externos à vida em Higienópolis, tais qual a verticalização do bairro, a ascensão de novos modos de vida e de sociabilidade, entre outros, convergem na reordenação do imaginário urbano e, conseqüentemente, também do bairro.

³ Referimos à nossa atual pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, e ao trabalho de MARINS, Paulo César Garcez. Um lugar para as elites: os Campos Elíseos de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo. In São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo: Ed. Alameda, 2011

⁴ KOSSOY, Boris. A São Paulo fotogênica de Guilherme Gaensly. In: Guilherme Gaensly. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2011

⁵ Cf. ABUD, Kátia Maria. O sangue intímido e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante. Tese de Doutorado. São Paulo, Departamento de História da USP, 1985; FERREIRA, Antônio Celso. A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora UNESP, 2002.; CAMPOS, Cândido Malta Filho. Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Ed. SENAC, 2000; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A cultura brasileira e a construção da mitologia bandeirante. In: Idéias, Ano 2, Num. 1. Campinas, UNICAMP, 1995; SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras- 1992.

⁶ Cf. HOMEM, Maria Cecília Naclério. Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1980 e HOMEM, Maria Cecília Naclério. O Palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira (1867-1918). São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996; PRADO JR. Caio. Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo. *Estudos Brasileiros*, ano III, vol. 7, nº 19-21, Rio de Janeiro, 1941; MOBEIG, Pierre. La croissance de la ville de São Paulo (1953). In: *Revue de Géographie Alpine*, 1953; MORSE, Richard. De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954, entre outros. A contrapelo dessa trajetória interpretativa, recentemente alguns trabalhos tem lançado novas luzes sobre a problemática das representações dos “bairros aristocráticos”, “bairros operários” e “bairros de imigrantes” e que são referência para nossa pesquisa. Nesse sentido, conferir: MARINS, Paulo César Garcez. Um lugar para as elites: os Campos Elíseos de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo. In São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo: Ed. Alameda, 2011 e LANNA, Ana Lúcia Duarte. O Bexiga e os italianos em São Paulo, 1890/1920. In São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo: Ed. Alameda, 2011.

paulistana. Para tanto, foram escolhidos três documentos textuais: o livro *Brás, Bexiga e Barra Funda* lançado em 1927 por Antônio de Alcântara Machado; *Paulicéia Desvairada* (1922) de Mário de Andrade; e reportagens e notícias publicadas no jornal *O Combate* entre 1917 e 1927. Nos discursos desses agentes, procuraremos entrever a maneira pela qual esses evocaram o “bairro aristocrático” com a mesma homogeneidade elitista das representações laudatórias, porém com seus sinais qualificativos alterados. A partir dessas fontes, para além de apresentar essas outras representações do bairro, procuraremos mostrar que apesar do “bairro aristocrático” ter sido uma representação originária nos grupos dominantes, sua difusão, aceitação e consolidação não se deu por um espraiamento do ideário desses por sob o imaginário de outros grupos sociais. Ao contrário, ao longo de nossa pesquisa temos notado que cada grupo social apropriou-se dessa representação à maneira que lhe foi conveniente, seguindo os seus próprios interesses e visões de mundo. Dessa maneira, no caso tratado nessa comunicação, notaremos a conformação de uma verdadeira “luta de representações” pelos significados do “bairro aristocrático” e de seus símbolos (o high-life, o luxo, o palacete), que certamente teve repercussão nas ações e imaginação dos moradores de São Paulo à época.

O OLHAR CRÍTICO DE BAIXO E DE OUTROS LADOS

Conjuntamente com os ideários positivista e liberal, chegaram à São Paulo na virada do século XX ideias críticas ao capitalismo moderno e as formas sociais a ele associadas. Principalmente por meio do anarquismo e do socialismo, mas também por outras vias, essas penetraram por todos os estratos econômicos da sociedade. Simultaneamente aos esforços da municipalidade em tornar São Paulo uma cidade “moderna”, emergiam outras vozes questionando a amplitude e legitimidade desse processo. Esse embate se desdobrou em movimentos de reivindicação de direitos para os grupos trabalhadores, que organizarão sindicatos, imprensa própria, greves e piquetes.

É no bojo dessa efervescência que surge em 1915 o jornal *O Combate*, fundado pelos irmãos Acilino e Nereu, filhos de Francisco Rangel Pestana, que fora editor d’ *A Província de São Paulo* e um eminente político republicano. Das três vertentes políticas que dividiam o movimento operário, o *Combate* se posicionava mais próximo aos grupos reformistas, em detrimento dos radicalismos socialistas e anarquistas. Essa corrente visava a “busca de obtenção de direitos sociais, sem questionamento do sistema político, sustentada pelo positivismo, cooperativistas e toda uma série de manifestações do sindicalismo reformista” (BATALHA, 2003).

Nas páginas d’*O Combate* a cidade comumente aparecia cindida entre “bairros operários” e “bairros aristocráticos”, ou a seus análogos pares “bairros ricos” e “bairros pobres”. A partir de sua perspectiva extremamente crítica ao favorecimento da administração pública aos interesses das elites, em muitas reportagens os “bairros ricos” foram apresentados como os espaços dos privilegiados como provas materiais da corrupção estatal. Por sua vez, os “bairros pobres” eram tomados como o espaço dos homens justos e honestos, mas que sofriam “nas garras do monstro multi-forme que suga o povo para alimentar os governos”⁷.

Essa representação provavelmente estava de acordo com os interesses da “comunidade de leitores”⁸ do jornal, provavelmente constituída majoritariamente por moradores dos “bairros operários”. Essa constatação pode ser feita através da análise da frequência de citação dos nomes dos bairros nas páginas do diário durante o período analisado. Os três bairros mais citados são disparadamente o Braz, com 4330 referências, a Móoca, com 986 e o Bom Retiro, com 718. Por sua vez, o “bairro rico” mais vezes citado foi a Avenida Paulista, com apenas 439 aparições, seguido pelos Campos Elísios, com 289. O número de referências não foi contabilizado apenas para as reportagens e notícias da redação, mas também para os anúncios e classificados. Analisadas algumas dessas páginas de avisos detidamente, nota-se que de fato a maioria dos comunicados remete a endereços localizados em “bairros operários”.

“Bairros pobres” citados n’ <i>O Combate</i> entre 1917 e 1927.	
Bráz	4330
Móoca	986
Bom retiro	718
Pary	543
Cambuoy	362
Belenzinho	264

“Bairros ricos” citados n’ <i>O Combate</i> entre 1917 e 1927.	
Avenida Paulista	439
Campos Elyseos	289
Santa Ceollia	287
Hygienopolis	56

Figura 1 – Tabela de citações de “bairros pobres” e “bairros ricos” n’ *O Combate* entre 1917 e 1927. Fonte: Autor, 2016.

⁷ “A prefeitura está cavando!”, *O Combate*, 10 de abril de 1918.

⁸ Aqui me refiro à noção utilizada por Roger Chartier para designar o grupo de leitores de um determinado veículo de comunicação. Cf. CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações* Lisboa: DIFEL, 1988

Conjuntamente com a cobertura das notícias vinculadas às organizações operárias, o diário mantinha paralelamente uma corrente de jornalismo investigativo (BALSANOBE, 2012). Geralmente enfocada nos abusos realizados por membros da elite local ou da administração municipal, essa seção era a faceta ética e moral da “luta operária”. Defendendo o interesse dos “bairros pobres”, e, portanto, de seus leitores, em abril de 1918, o jornal aproveitou o anúncio da Prefeitura de que iria contrair empréstimo para realizar novos calçamentos para posicionar-se frente às condições das pavimentações de toda a cidade. O texto inicia com uma descrição lamuriosa da condição do calçamento nos “bairros pobres”⁹, afirmando que “quem percorra as ruas (...) não pode deixar de achar necessário o calçamento de áreas inteiras que lá estão cheias de bons prédios cujos moradores sofrem horrivelmente com o lamaçal”. Em seguida, prossegue:

Mas, em compensação, fica-se a perguntar: porque não tem calçamento essas ruas, assim povoadas, se na proximidade da Avenida Paulista e no aristocrático Hygienópolis há quadras inteiras muito bem calçadinhas, á espera do primeiro palacete que por lá construir um membro no nosso impagável high-life de plutocratas? (O Combate, 6 de abril de 1918:1)

Em contraste com a densidade das “ruas cheias de bons prédios” dos “bairros pobres”, Higienópolis é descrito como um bairro de baixíssima densidade, uma das qualidades mais ressaltadas na celebração idílica do “bairro aristocrático” realizadas pelas elites. A frente no texto, afirma-se que, sendo a maioria da população da cidade constituída por “pobres”, “um quarteirão qualquer no Braz concorre melhor para os cofres municipais do que qualquer quarteirão de Higienópolis ou da Avenida”. A paisagem ainda é complementada pelas construções, que diferentemente da modéstia dos “bons prédios” dos outros bairros, são os sofisticados palacetes, habitados pelos “membros do *high-life*”, ou seja, as elites. A aplicação de palavras distintas para designar as construções, dentro do registro irônico do texto, parece apontar para uma moralidade pejorativa à vultuosidade construtiva.

O quadro da cidade é o mesmo dos discursos laudatórios do “bairro aristocrático”, mas a interpretação e o uso são completamente invertidos. No discurso d’*O Combate* os mesmos signos da “modernidade” e do sucesso de seus habitantes são tomados como marcas espaciais do privilégio. A origem dessa vantagem, na opinião da redação, está na posição social ocupada por seus moradores: a de plutocratas. A utilização desse qualificativo é reveladora de um olhar específico para a riqueza: o acúmulo dessa é encarado como diretamente proporcional ao acúmulo do poder político. Nesse sentido, toda a materialidade dos abastados é interpretada como fruto da corrupção do poder municipal pelo poder econômico, seja a boa dotação de infraestrutura, seja a própria exuberância dos palacetes. A sátira que descreve a pavimentação do bairro, qualificada como “calçadinhas”, indica que, do ponto de vista da redação, um serviço público foi realizado com um esmero afeiçoado, como uma espécie de “mimo” sugerindo que a relação dos moradores de Higienópolis com a municipalidade ultrapassava os limites da racionalidade estatal.

Outras vezes o bairro e seus palacetes foram utilizados como símbolos de desvirtuamentos do poder municipal. Por exemplo, em março de 1918, o jornal denunciou esquema de corrupção envolvendo o Dr. Eloy Lessa, secretário do Serviço Sanitário. Dois fatos foram apresentados como prova de que Lessa passava por uma “rápida [e suspeita] prosperidade”: os empréstimos que realizava para a Câmara Municipal de Pindamonhangaba e a recente construção de um “palacete em Higienópolis”¹⁰. No seguir do texto, o jornalista relaciona diretamente o enriquecimento por meios ilícitos com o mal funcionamento da máquina estatal e a conseqüente carência de serviços oferecidos para a população. Nesse encadeamento, insinua-se um sentido pejorativo à materialidade do palacete, visto como um objeto resultado da riqueza excessiva, que por sua vez estava ligada diretamente à corrupção resultante da ineficácia do Estado.

Esse ponto de vista demonstra que para os redatores do jornal a riqueza era encarada sempre como uma decorrência da pobreza, ou seja, o acúmulo de uns significava necessariamente o mal estar de outros. Da mesma forma, a influência dos mais poderosos era comumente encarada como um resultado da exclusão dos menos favorecidos da esfera pública. Dessa maneira, o uso dos símbolos “palacete” e “bairro nobre” na descrição acima tem um cunho singular. A riqueza e o poder sinalizados são interpretados como fruto de uma relação violenta. Da mesma forma a atenção excessiva para com o “bairro rico” era interpretada como umas motivações da falta de calçamento nos “bairros pobres”.

Olhar semelhante se faz presente nas duas primeiras estrofes do *Colloque Sentimental* de Mário de Andrade, poema publicado pela primeira vez em 1922 no livro *Paulicéia Desvairada* e que tem como localidade e tema central o bairro de Higienópolis:

Tenho os pés chagados nos espinhos das calçadas. . .

Higienópolis!...A Babilônia dos meus desejos baixos...

Casas nobres de estilo...Enriqueceres em tragédias...

Mas a noite é toda um véu-de-noiva ao luar!

A preamar dos brilhos das mansões.

O jazz-band da cor...o arco-íris dos perfumes...

⁹ Na notícia são citados o Braz, Bom Retiro, Pary, Móoca, Cambucy e Belemzinho.

¹⁰ “A ditadura da inépcia vae completando a sua obra”, *O Combate*, 26 de março de 1918.

*O dono dos cofres abarrotados de vidas...
Ombros nus, ombros nus, lábios pesados de adultério...
E o rouge – cogumelo das podridões
Exército de casacas eruditamente bem talhadas...
Impiedosamente...*

*– Cavalheiro... – Sou conde! – Perdão
Sabe que existe um Brás, um Bom Retiro?*

*– Apre!respiro...Pensei que era pedido.
Só conheço Paris!*

*– Venha comigo então.
Esqueça um pouco os braços da vizinha...*

*– Percebeu, hein! Dou-lhe gorjeta e cale-se.
O sultão tem dez mil...Mas eu sou conde!*

*– Vê? Essas paragens de trevas e silêncio...
Nada de asas, nada de alegria...A Lua...*

*A rua toda nua...As casas sem luzes...
E a mirra dos martírios inconscientes...*

*– Deixe-me por o lenço no nariz!
Tenho todos os perfumes de Paris!*

*– Mas olhe, em baixo das portas, a escorrer...
– Para os esgotos!Para os esgotos!*

– ...a escorrer

Um fio de lágrimas sem nome!... (ANDRADE, 1922:108)

Higienópolis é apresentado pelo poeta como um mundo a parte, que permite a seu interlocutor, o conde, que tenha “desconhecimento” do Brás e do Bom Retiro, e conheça apenas Paris. O “desconhecimento” não é literal, mas faz referência à distância, social e material que o “bairro aristocrático” possui dos “bairros operários” na imaginação de Andrade. Da mesma forma, conhecer apenas a Paris é fortalecer essa sensação de alienação, reforçando a imagem inicialmente construída nas duas primeiras estrofes, de que em Higienópolis vive-se um mundo a parte do resto da cidade, mais próximo à capital francesa do que da realidade de São Paulo.

O “desconhecimento” do conde também se refere à sua alienação das mazelas existentes nos “bairros pobres”, mazelas essas a que o autor tem objetivo de comunicar em seu poema. Para tanto, a cidade apresentada por Mario, assim como n’O *Combate* é uma cidade de intensos contrastes, donde depreende a possibilidade da sentimentalidade de Mario e da fúria do diário. Um contraste que é apropriado para a transmissão de sua visão crítica sobre a sociedade capitalista. O espaço dos bairros e suas materialidades são convertidos em signos com grande potencialidade expressiva para condensar e dar substância ao discurso crítico.

Se o *jazz-band* colore Higienópolis, no “bairro operário” reina o silêncio. Se as mansões brilham, literal e metaforicamente, as casas dos pobres não tem luz. Se pelas alamedas vislumbra-se os “exércitos de casacas”, a passagem dos “ombros nus”, a outra rua é vazia, encoberta pelas trevas. E se há os perfumes de Paris no *habitué* do conde, o bairro operário lhe

apresenta odores fétidos e desgostosos. Vê-se que todo o conflito de classes construído por Mario está sustentado no contraste das paisagens plenamente opostas do bairro rico e pobre.

Na materialidade das “casas nobres de estilo” pesa sua origem, o violento processo social que pensa conformar as grandes fortunas no capitalismo. A tragédia torna-se assim indissociável da percepção da materialidade dos palacetes. Ao que o poema permite entrever, para Mário de Andrade, e possivelmente para outros que compartilhassem desse ponto de vista crítico, ao invés do maravilhamento, o contato com os signos “nobres” de Higienópolis poderia provocar a tristeza, a angústia, a raiva ou a revolta. Imagina-se que nem para todos a imaginação desse homogêneo “bairro aristocrático” correspondia ao deleite ou ao desejo, mas poderia incitar o desprezo e a aversão.

Em 1918, na coluna central de sua primeira página, n’*O Combate* foi publicada uma série de treze reportagens sobre o caso apelidado pela redação de “Um Maurício Milionário”. O milionário em questão era o comendador Antonio Augusto de Almeida Cardia, em cuja residência na Avenida Higienópolis acusava-se funcionar um antro de cafetinagem. N’*O Combate* o caso foi exaustivamente relatado, além de ter sido retratado, com certa dose de sensacionalismo, como o “maior escândalo jamais havido em S. Paulo”¹¹. Por sua vez, em outros grandes veículos de mídia, como *O Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo*, não foi sequer mencionado. O próprio *Combate* acusará esses outros veículos de terem sido subornados pela família do comendador¹², o que não é improvável, porém evidentemente trata-se de uma hipótese que se coaduna perfeitamente com a imagem justicialista e idônea que comumente o jornal exibe para seus leitores. Talvez seja mais produtivo inverter a pergunta: para além do “compromisso com a verdade” qual teriam sido outros interesses que mobilizaram tamanha a atenção e energia da redação d’*O Combate* para o caso?

Como postulado a pouco, a redação do diário geralmente associava as mazelas existentes nos “bairros pobres” com a pujança dos “bairros ricos”, assim como com os desmandos das elites, que através de seu poder monetário eram capazes de direcionar a vontade política para seus interesses próprios. Visto por esse ponto de vista, o caso do comendador, um membro do que o jornal chamava o *high-life* de plutocratas, trata-se de boa oportunidade de difamação desse grupo social desdenhado pela redação.

A primeira reportagem da sequência possuía como sub-manchete a seguinte chamada: “Um palacete, em bairro aristocrático, feito antro de perdição”. O emprego do termo “palacete”, que sempre designa simultaneamente um local de residência e a riqueza de seu proprietário, é uma reiteração do qualificativo “milionário” empregado na manchete principal. A menção ao “bairro aristocrático”, por sua vez, aparece como apostrofo, ou seja, sua inclusão não era essencial para construção do sentido na frase. Ela serve para dar maior ênfase à característica que aparenta ser a mais marcante e fundamental para o jornal: trata-se de um homem muito rico.

Não a toa, na segunda reportagem da série é realizada uma descrição contundente e concisa do perfil do acusado: “Capitalista forte, morando em um palacete, em bairro nobre, o seu poder para o mal é incalculável”. Novamente o comendador é definido apenas por suas posses materiais e posição econômica. A referida maldade, segundo o apurado pela redação, centenas de mulheres da capital, em geral de baixa renda, foram seduzidas pelo comendador a realizarem favores sexuais em troca de ofertas monetárias. O mal realizado era tanto para o Cardia consigo mesmo, que “se corrompia com seu ouro”, e do comendador, “perigoso agente de dissolução moral”, para com as “desgraçadinhas” que maculava. Assim, “o poder para o mal” trata-se de uma visão catastrófica da riqueza, encarada como corrompedora da moral do rico e da sociedade ao seu redor. As “infelizes” aliciadas pelo Maurício em nenhum momento são tratadas como gananciosas ou oportunistas, mas antes como vítimas ludibriadas pelo sonho da vida fácil, “inocentes meninas” lançadas na “perdição” pelos desejos do comendador.

Nota-se que a descrição do acusado mistura sua personalidade com a de seu ambiente. Ao passo em que denotam a riqueza, ao “palacete” e ao “bairro nobre” estende-se a mácula das ações corruptas do comendador. A própria alcunha do caso oscilou entre as características do autor com a referência ao seu ambiente: “o maurício milionário”, o “maurício de Higienópolis” e o “caso de Higienópolis”, ou até mesmo o “escândalo de Higienópolis”.

A fixação espacial também foi presente na constante exibição no jornal de uma mesma fotografia, na qual está retratada a residência do comendador Cardia. A primeira legenda que a acompanha dizia: “O palacete de Higienópolis, teatro das proezas do Maurício milionário”.

¹¹ O maurício milionário, *O Combate*, 30 de julho de 1918

¹² Um maurício milionário, *O Combate*, 25 de outubro de 1918.

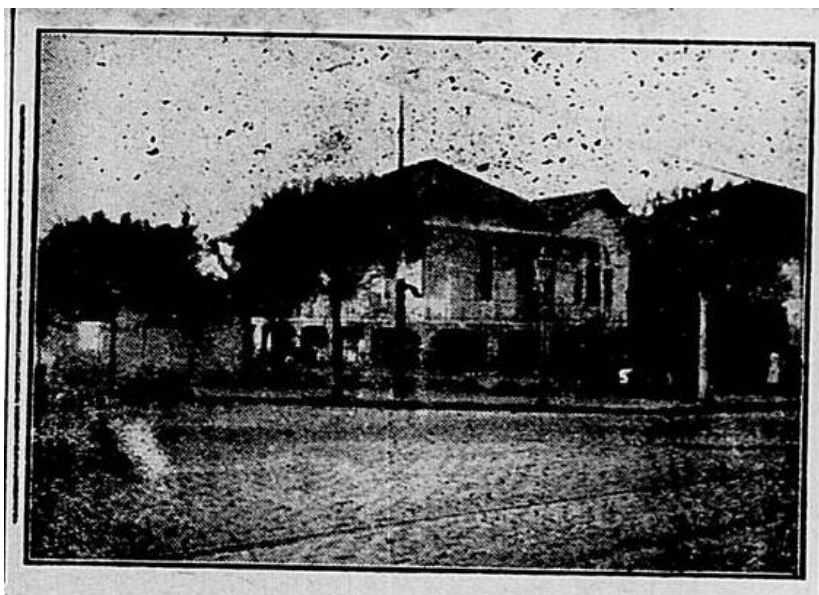


Figura 2 -Fotografia da residência do comendador Cardia, publicada n'O Combate em 20 de outubro de 1918. Fonte: "Um maurício milionário!", *O Combate*, 20 de outubro de 1918.

Se a fixação com o ambiente do crime tratava-se apenas de um recurso sensacionalista, é possível aferir que a repercussão que teve em seus leitores tenha sido mais ampla. Pela própria redação, sabe-se que a fama do bairro foi alterada pela reportagem:

A divulgação das notícias referentes a este escândalo veio criar uma situação desagradabilíssima para pessoas que nada tem a ver diretamente com o caso. (...) De muitas senhoritas sabemos que não se animam a tomar o bonde da linha 'Hygienopolis'. É que não querem ouvir graçolas inconvenientes, que lhes são dirigidas durante o trajecto. E que diremos, então, das que residem na própria avenida? (O Combate, 13 de agosto de 1918: 1)

Igualmente à citação do "bairro aristocrático" na sub-manchete da primeira reportagem da série, esse trecho é colocado como uma espécie de apêndice da reportagem, separado por um sinal de interrupção ao final da notícia principal. Nesse aposto, nota-se que a redação trata de um assunto que foge completamente do interesse investigativo do caso, semelhando uma coluna de "fofocas" enxertada em meio ao noticiário policial. Essa postura parece voluntariamente difamatória da boa fama que gozava o bairro em certos círculos sociais, procurando inclusive difundir além das palavras das "más línguas", o próprio temor que é narrado no mexerico.

Fora a parte que cabe ao jornal de vangloriar-se de sua repercussão e de sua questionável atitude difamatória, essa cena pode ser tomada como um indício de que as notícias do jornal repercutiam no murmurinho dos grupinhos, no buchicho do dia-a-dia, e que irradiavam seus símbolos para dentro do imaginário de sua comunidade de leitores. As gracinhas certamente deveriam sugerir que essas "senhoritas" estivessem indo para o palacete do comendador, em busca da vida fácil. O gracejo de uns e a vergonha das outras são indícios de que a imaginação sobre Higienópolis, ao menos durante o frescor da notícia, distava da exuberância do celebrado "bairro aristocrático". Longe de aspirarem pela exibição pública em seus magníficos passeios, algumas mulheres desejaram-lhe a distância, com medo de que a qualidade "corrupta" do bairro afetasse a sua própria imagem.

Assim, não é de se estranhar pensar que se o bairro não ficou perpetuamente marcado como um ambiente "deselegante" e "degradante", certamente a repetitiva cena do crime tenha de alguma forma se associado a essas qualidades. Sem fontes definitivas para averiguá-lo, nos resta imaginar que talvez alguns leitores assíduos d'*O Combate* tenham associado construções de tipo "chalé" como lugares de "imoralidade" e quem sabe o que lhes vinha à imaginação em pensar na idoneidade dos moradores das vastas alamedas arborizadas...

A crítica à corrupção moral também foi tema frequente em *Brás, Bexiga e Barra Funda*, embora focado em outros aspectos que não a lascívia. A cisão espacial da cidade está evidente no título da obra, que enquadra o cotidiano dos imigrantes italianos, em geral retratados como pouco abastados no livro, em três bairros da cidade. A construção da identidade para o "bairro imigrante" ou para o "bairro popular" certamente perpassa a definição de seus opostos. Sendo assim, a aparição esporádica do "bairro aristocrático" na obra é sempre retratada como uma visita dos personagens a um outro universo, em que os sinais são completamente invertidos aos de seu ambiente cotidiano. O acesso dos personagens a essas localidades se dá através do devaneio ou de ocasiões especiais, notadamente os cortejos fúnebres, que comumente passavam pela Av. Paulista ou pela Av. Angélica para chegarem aos dois principais cemitérios da cidade: o da Consolação e o Araçá.

O contato dos personagens “populares” com o “bairro aristocrático” geralmente altera o seu ânimo, comumente para um excitação para a exposição, que o autor retrata por diversas vezes com destacada ironia (OLIVEIRA, 2004; SILVA, 2010). Em “Armazém Progresso de São Paulo”, uma narrativa alegórica da “modernização” da cidade, é narrada uma peripécia comercial realizada por Nicole, dono do dito armazém, e Bianca, sua cozinheira. Bisbilhotando a conversa dos clientes, Bianca descobre que por conta da má colheita do ano, o preço da cebola irá triplicar. Ao contar para Nicole, faz um breve comentário sobre o sofrimento que irá proporcionar aos pobres (“Ai, ai, coitado de quem é pobre”), mas rapidamente envia para seu verdadeiro interesse: o estabelecimento em frente ao Armazém, a Confeitaria Paiva, possuía “renques de cebola” expostos em sua loja. O próprio Natale já a havia reparado, e ignorando a esposa grávida do português, dono do estabelecimento, que ali estava com um filhinho de colo, “calculou o quanto poderia oferecer por toda aquela mercadoria (cebolas e o resto) no leilão da falência”. A presteza do negócio era segura, afinal para Nicole “o português não aguentaria mesmo o tranco por mais tempo”.

Dotados de informação valiosa, Bianca e Nicole, ao invés de tentarem ajudar o vizinho e sua família, anseiam por “bancar o açambarcador”, ou seja, explorar a exclusividade da vantagem que adquiriram com a informação da futura alta dos preços. Bianca, em tom nervoso, se previne de que Nicole possa ser “corrompido” pela compaixão: “Não seja besta. O pessoal da alta que hoje cospe na cabeça do povo enriqueceu assim mesmo. Igualzinho.”

O comentário de Bianca não é desdenhoso da imoralidade dos ricos, mas, de certa forma, cínico. A crítica está na voz de Machado, que satiriza ambos os personagens, evidenciando a frieza deles quanto a falência do outro e a provável miséria em que se meterá conjuntamente com sua mulher e duas crianças de colo. Ao concretizar o negócio, os dois comemoram e o desejo de Bianca se evidencia. Deita-se na cama de luz acesa e observa os seus colegas de trabalho que dormem, como que se despedindo deles, pois acabara de mudar sua posição social. Em seu devaneio, essa mudança não consiste em livrar-se do aluguel ou de poder viver com mais folga, menos dependente dos vencimentos. Ao fechar os olhos, Bianca se imagina “no palacete mais caro da Avenida Paulista”. Sob a ótica de seu individualismo, Bianca considera-se uma vencedora, e observa seus adversários antes de subir ao pódio.

Analogamente a uma criança que sonha em ser uma princesa e viver em um castelo, Bianca sonha poder ocupar a posição de maior destaque e poder na cidade. Essa posição é marcada pela tipologia construtiva (o palacete), pela quantidade monetária necessária para adquiri-lo (o mais caro) e pela posição que ocupa na cidade (a “Av. Paulista”), subentendida como o lugar por excelência da “aristocracia”. O bairro e o palacete são a ritualização da riqueza de Bianca, a conversão do capital econômico adquirido em capital simbólico com o potencial social de conferir o elevado *status* almejado (THIRY-CHERQUES, 2006). O desejo de exibir a conquista está na imaginação que a imagem “o palacete mais caro” evoca: um objeto fáustico, com magnânima e pujante expressividade externa. A evocação da localidade do palacete sugere ainda que o deleite de Bianca não era imaginá-lo por dentro, mas por fora, de sua vista a partir da Avenida. Não a toa, antes de imaginá-lo ela olha para seus companheiros. O enriquecimento não se trata apenas de uma satisfação pessoal, mas também de uma satisfação que se dá na relação com os outros, seja na comparação, seja na exibição. Não lhe basta apenas possuir, mas também ser reconhecida como possuidora.

O enriquecimento que Bianca sonha está estritamente vinculado com uma mudança de *estilo de vida*, do qual o palacete, enquanto espaço que materializa em si a inutilidade da arte e do luxo, simboliza o tempo ocioso e o abandono do trabalho (BOURDIEU, 1983). Um *estilo de vida*, vivenciado também no luxo de seu interior e nos ritos ali praticados, que só adquire significado ao ser comparado com os outros, da pequena-burguesia e dos grupos mais pauperizados.

O discurso de Machado nesse conto associa diretamente o enriquecimento das elites com o devastador individualismo, e conseqüentemente, a materialidade de seus símbolos, o palacete e o “bairro aristocrático”, com essa mesma origem desastrosa. Através da crítica à essa elite, conjuntamente com a ganância e ambição pequeno-burguesas de Bianca e Nicole, ansiosos por imitá-la, Machado constrói uma pequena parábola para a desmitificação de umas das noções mais caras às elites à época: “o progresso”. Aproxima-se assim, da leitura de Mário de Andrade, em que o mesmo “progresso” que erigiu palacetes e “bairros aristocráticos”, somente o fez pelo enriquecimento sob tragédias.

Como no sonho de Bianca em exibir seu palacete, em outros contos, Alcântara satiriza através do anseio pequeno-burguês outro crítica à esse *habitué* dos “bairros aristocráticos”, a exibição nas vias públicas. No conto de abertura do livro, o menino Gaetaninho, que dá nome ao texto, deitado em sua cama na Rua do Oriente, no Brás, sonha com a possibilidade de passear de carro (movido à tração animal) pela cidade. Porém, tratava-se de sonho de difícil concretização, como nota o narrador, pois naqueles tempos a “ralé” andava de carro somente em caso de enterro ou casamento. Sendo assim, Gaetaninho imagina com a cabeça enfiada no travesseiro a marcha fúnebre de sua, ainda bem viva, tia Filomena. Acompanhando a imaginação do garoto toma-se conhecimento de seu verdadeiro interesse no passeio:

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boléia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza rapaz! Dentro do carro o pai os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha outro de gravata verde) e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho (MACHADO, 2012:4).

Longe de qualquer excitação pela velocidade, pela tecnologia ou pela aventura, o devaneio de Gaetaninho é um sonho de exibição. O sonho do menino é realizar uma grande aparição pública, para a qual ele planeja milimetricamente a

indumentária que lhe seria conveniente e até mesmo a de seus acompanhantes! Mas o quadro não se completa apenas com sua boa imagem, igualmente lhe preocupa a qualidade do público para quem se exhibe: “a gente nas calçadas” e os moradores dos palacetes. O desejo de ver abrirem suas portas e janelas para observarem a sua passagem é o anseio de ter conquistar-lhes a estima, assim Gaetaninho, desde pequeno, de alguma forma, já anseia a ascensão social. Ambição que move a tal ponto, que chega até mesmo a fantasiar a morte de uma parente próxima.

A paisagem onde Gaetaninho imagina os palacetes no plural, provavelmente é uma menção aos ditos “bairros aristocráticos” tendo em vista que o espaço urbano descrito por Machado em sua obra é extremamente marcado pela dicotomia existente entre os “bairros ricos” e os “bairros pobres”. Esse bairro, completamente distante de sua realidade, só é acessível a Gaetaninho, assim como a Bianca, através do devaneio. E assim como Bianca, esse devaneio só lhe aparece sucedido de alguma atitude egoísta, artifício do autor para manter o palacete e o “bairro aristocrático”, enquanto símbolos, sempre associados à imoralidade, seja da própria elite, seja da ambição e da ganância que despertam na mente pequeno-burguesa.

Não é diferente em “O monstro de rodas”, no qual uma cena bastante semelhante se passa, demonstrando a ênfase que o autor quer demarcar nessa associação. Nesse, narra-se o cortejo fúnebre de uma criança que morrera atropelada por um carro. Pepino, um pequeno rapaz, acompanha a o rito. Dentre outras peripécias que pratica durante o caminho até o cemitério, em dado momento requisita a uma das moças que carregava o caixão da pequena infeliz:

– Deixa eu carregar agora, Josefina?

– Puxa, que fiteira¹³! Só por que a gente está chegando na Avenida Angélica. Que mania de se mostrar, que você tem! (MACHADO, 2012:29)

O mesmo traço cínico de Gaetaninho está presente em Pepino: mais do que pela tragédia seu coração é movido pelo amplo desejo de exibição. A menção específica à Avenida Angélica sinaliza que esse anseio se fortifica no “bairro aristocrático”, na presença dos moradores dos palacetes de Gaetaninho. Denota também que Pepino é capaz de reconhecer as diferenças materiais e sociais de cada um dos ambientes, afinal presume que é conveniente começar a exhibir-se no ambiente em que essa prática é conveniente, tanto pela própria expressividade dos palacetes, como pelo comportamento de seus frequentadores. Esse reconhecimento de Pepino denota que apesar de viver em um “bairro operário”, ele possui em si o gosto e parte do *habitus* das elites, os quais lhe fazem desejar comportar-se como seus membros, de imitá-los e por eles ser reconhecido como tal (BOURDIEU, 1983).

Através dessas duas cenas, Alcântara Machado descreve essa “mania de se mostrar” que a posição elevada dos abastados, simbolizada por sua ostensiva cultura material, animava na população de menor renda. A crítica a esse comportamento é enfática: perdidos em seus pequenos delírios narcísicos, o individualismo se arraiga no pensamento dos rapazes, que se mostram frios e impertinentes perante a uma das situações da mais extrema gravidade na cultura ocidental, a morte. Nesse contexto, o “bairro aristocrático”, em tudo o que representa, desde o prestígio até a ascensão social, é descrito como uma espécie de tentação, um espaço indutor dos ardentes desejos de exibição e de reconhecimento, que por sua vez são indutores do cinismo individualista.

Assim como o fez com os pensamentos de Bianca, através da imaginação dos rapazes, Machado satiriza simultaneamente à mentalidade pequeno-burguesa, o comportamento dos abastados, que também entretidos em seus anseios narcísicos, se distraem por completo das tragédias a que são acometidos os outros a seu redor, seja dos apartados bairro operários, como expressaram Mário de Andrade, seja das próprias violências nas quais foi lavrado seu enriquecimento, como aparecem nas páginas d’ *Combate*. Sob seus olhos, restava pouco a celebrar no “bairro aristocrático”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922.
- BALSANOBRÉ, Sabrina Garcia. A História de São Paulo no ano de 1918 pelo olhar do jornalismo militante: uma análise dos gêneros textuais de *O Combate*. In.: *Anais do VI Siget (Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais)*, 2012.
- BATALHA, Claudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). *O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 161-189, vol. 1, p. 174-175.
- BOURDIEU, P. Gosto de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1980.
- KOSSOY, Boris. A São Paulo fotogênica de Guilherme Gaensly. In: Guilherme Gaensly. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2011

¹³ No vocabulário da época, “fiteira” correspondia à “vitrine”.

- MACHADO, Alcântara. Brás, Bexiga e Barra Funda. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012 (original 1927), p. 4.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. Brás, Bexiga e Barra Funda. São Paulo: Ed. Itatiaia, 2001.
- MARINS, Paulo César Garcez. Um lugar para as elites: os Campos Elíseos de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo in São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo: Ed. Alameda, 2011.
- MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança. In: NOVAIS, Fernando A.(coord.); SEVCKENKO, Nicolau (org.). História da vida privada – República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v.3.
- MOBEIG, Pierre. La croissance de la ville de São Paulo (1953). In: Revue de Geographie Alpine, 1953
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Os imigrantes italianos em São Paulo na perspectiva de Alcântara Machado. Revista de Italianística, vol. 9, 2004, p. 9-17
- PRADO JUNIOR, CAIO. "Novas contribuições para o estudo geográfico da cidade de São Paulo". Estudos brasileiros, Rio de Janeiro, vol. 7, n.19-21. 1941.
- SILVA, Isabel dos Santos. Brás, Bexiga e Barra Funda de Alcântara Machado: uma narrativa-registro da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada na PUC-SP. São Paulo, 2010.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. Rev. Adm. Pública [online]. 2006, vol.40, n.1, pp. 27-53